

**A Sociedade Contemporânea e o Comportamento Delinqüente na Adolescência:  
as novas formas de subjetivação na atualidade<sup>1</sup>**

**The Contemporary Society and the Behaviour Delinqüente in the Adolescence:  
the new forms of subjectivity in the actuality**

**Danieli Brum de Souza<sup>2</sup>  
Daniela Di Giorgio Schneider<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo entender como a sociedade atual está influenciando o aumento do comportamento delinqüente na adolescência e, conseqüentemente, propiciando novas formas de subjetivação, visto que o sujeito atual está se utilizando de novas formas de relacionamento com o Outro, com o material, o que é público e o que é privado, utilizando o Outro como objeto. Quando o social não oferece ao sujeito o gozo que lhe é de direito, este o busca através da violência, que propicia este gozo por um momento, sendo isto permitido pela sociedade atual, pela cultura do excesso e do consumo. Para tanto, o método utilizado realizado foi uma revisão de literatura de autores contemporâneos psicanalíticos como Levisky, Outeiral, Fleig a fim de entender porque o “ter” deu lugar ao “ser” na atualidade. Ao analisar alguns desses estudos se pode perceber que os valores pregados atualmente parecem estar diretamente ligados aos comportamentos presenciados por esses adolescentes na atualidade.

**Abstract:** This work has for objective to understand as the current society is influencing the increase of the delinquent behavior in the adolescence and, consequently, propitiating new forms of subjectivity, since the current citizen is if using of new forms of relationship with the Other, with the material, what he is public and what is private, using the Other as object. When the social one does not offer to the citizen the joy that it is of right, this the search through the violence, that propitiates this joy for a moment, being this allowed by the current society, for the culture of the excess and the consumption. For in such a way, the used method carried through was a revision of literature of authors contemporaries as Levisky, Outeiral, Fleig in order to understand because “to have” it gave place to the “being” in the present time. When analyzing some of these studies if can perceive that the values nailed currently seem to be directly on to the behaviors witnessed for these adolescents in the present time.

**Palavras-chave:** delinqüência, adolescência, sociedade, cultura, subjetivação.

**Keywords:** delinquency, adolescence, society, culture.

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação pra obtenção do título de psicóloga pelo Centro Universitário Franciscano.

<sup>2</sup> Psicóloga formada pelo Centro Universitário Franciscano e especialista em Saúde Coletiva pela mesma instituição. Endereço para correspondência: [danielipsico@yahoo.com.br](mailto:danielipsico@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientadora, Psicóloga e Mestre.

A idéia deste trabalho surgiu devido ao grande número de manifestações de violência exercida por adolescentes nos últimos anos. Múltiplos são os fatores que influenciam no processo dinâmico da conduta delinqüente entre os jovens, que por fim desestabiliza as suas inter-relações sociais e o seu lugar na sociedade.

Este tema vem sendo discutido e estudado há anos, por vários autores como: Levisky, Outeiral, Fleig, entre outros. É uma problemática que desperta em todas as pessoas uma mescla de desconforto, indignação, medo e culpa. Trata-se de um fato atual, visto que o número de casos de violência exercidos por adolescentes, cada vez mais jovens, vem crescendo assustadoramente. São casos que vão desde o furto, passando pelo latrocínio, chegando até mesmo ao parricídio.

Este momento que o mundo vive, de maior liberdade, onde nada mais é novo e nem surpreendente, guerras por tomada de poder e assim, conseqüentemente, a banalização da violência, podem fazer com que esta seja incorporada como um valor cultural válido, que garanta o lugar dos jovens nessa sociedade.

Somado a este contexto, o processo de adolecer é o momento em que o jovem desenvolve suas potencialidades e incorpora novos valores éticos e morais à sua identidade, estando assim susceptível a influências externas e internas, pois é nesse período que se reestrutura o psiquismo humano. Significa, também, um momento de crescimento corporal e psíquico que vem causar grandes conflitos, que são marcados pelo luto do corpo infantil, luto dos pais idealizados, retorno do complexo de Édipo e a busca da identidade (LEVISKY, 1998).

Segundo o autor acima mencionado, o suporte para essa mudança e reestruturação, parte do reconhecimento do adolescente pelos pais no grupo social, bem como de um bom narcisismo por parte do adolescente na construção dos laços sociais. O qual está marcado pela crise de identidade, pela busca desse reconhecimento e pela busca do espaço pertencente a ele enquanto sujeito social e que deve ser ouvido. É nessa fase que a atuação se apresenta como forma de mostrar sua existência.

Para Edson de Souza (2002), a delinqüência juvenil e o abuso de drogas são algumas formas de atuação. O adolescente vai até o limite da palavra, enquanto linguagem,

assim atuando, dando uma nova designação ao verbo, funcionando essa atuação como objeto transicional.

Freud (1932) já se preocupava com as origens da agressividade. Este fato pode ser observado nas correspondências que trocou com Einstein no texto “*Por que a guerra?*”, onde debatem a violência e o porquê de o homem ser tão agressivo. Em “*Totem e Tabu*” (1912,13), aborda o mito da horda primitiva, no qual os filhos colocam-se contra o pai violento e detentor do poder, onde somente através do assassinato deste tomariam o poder para si. E o poder nada mais é do que a ordem e a lei. Sendo assim, a cultura tem início na e pela violência. Fleig (1993) diz que “na raiz da cultura há um crime”.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é entender como a sociedade contemporânea está contribuindo para o aumento do comportamento delinqüente entre os adolescentes e, conseqüentemente, influenciando a formação da subjetividade do sujeito moderno. Portanto, o trabalho será realizado através de uma revisão da literatura, ou seja, uma análise teórica de autores psicanalíticos contemporâneos sobre o comportamento delinqüente dos adolescentes da atualidade: “O momento não é de punição, mas de observação; percepção e reflexão sobre o que está ocorrendo na sociedade, visto que no mundo contemporâneo, em nome de uma pseudo-liberdade, tudo é considerado válido.” (LEVISKY, 2000, p. 24).

### ***A Síndrome normal da adolescência e o comportamento delinqüente na adolescência***

Conforme Knobel (1981), na normalidade implica-se a capacidade de utilizar dispositivos existentes para atingir as satisfações básicas do sujeito, de forma a alcançar substituições favoráveis tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade. Defende que a personalidade bem integrada nem sempre é a melhor adaptada, mas que possui dispositivos internos para modificar a sua conduta de acordo com suas necessidades circunstanciais, quando o meio entra em conflito com os objetivos de satisfação do indivíduo. Freud em “*Além do Princípio do Prazer*” (1920), afirma que, é necessário o indivíduo identificar sua destrutividade consciente ou inconscientemente e que, a partir disto, desenvolva mecanismos adaptativos que atenuem ou sublimem a ação dessas forças.

Knobel (1981) pontua, também, que na fase adolescente há uma ameaça constante de ruptura das relações intra, inter e trans-subjetivas, fato este que acaba por provocar maior incidência de mecanismos psicológicos regressivos, de natureza psicótica, neurótica ou psicopática. São mecanismos como: onipotência, egocentrismo, cisão, negação, projeções, acting-out o que, então, se refletem no comportamento dos jovens, com tendência a se cristalizar como modo de funcionamento mental.

Dalgarrondo (2000) acentua que quando se tratam de casos extremos, onde o comportamento tem intensidade acentuada e longa duração, o delineamento do que é normal e patológico não é problemático. No entanto em casos limítrofes essa definição se torna difícil. Define a psicopatologia como: vivências, estados mentais e padrões de comportamento que têm uma especificidade psicológica.

No período da adolescência, Knobel (1981) fala de uma patologia normal do adolescente, onde para este conseguir a estabilização da personalidade é necessária certa conduta patológica. Por isso os comportamentos externalizados dos adolescentes, de lutas e rebeldias, não são mais do que reflexos dos conflitos internos, sendo esperado durante esse processo o surgimento de atuações como características defensivas de caráter psicopático.

Neste sentido, o autor cita Anna Freud, dizendo que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente, e conceitua a sintomatologia que integra está síndrome: a) **Busca de si mesmo e da identidade:** todo o processo de adolecer está baseado na busca da própria identidade, que é a principal função desta fase, que se desenvolve à medida que o sujeito vai integrando, introjetando concepções de muitas pessoas, grupos e instituições a respeito dele mesmo. b) **Tendência grupal:** o adolescente utiliza a uniformidade como um comportamento defensivo, que proporciona segurança e estima pessoal, juntando-se, assim, em grupos, onde todos se identificam com cada um. c) **Necessidade de intelectualizar e fantasiar:** a realidade impõe ao adolescente a necessidade de renunciar ao corpo, ao papel e aos pais da infância, fazendo com que este vivencie esta fase com sentimento de fracasso e impotência frente à realidade externa. Isto obriga o adolescente a recorrer ao pensamento, intelectualizando e fantasiando como mecanismos defensivos frente a estas situações tão dolorosas. d) **Crises religiosas:** nesta fase o adolescente pode apresentar desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso com situações extremas. Ele está em busca de ideologias para seguir valores

éticos e morais que fazem parte da sua personalidade. e) **Deslocalização temporal:** o adolescente converte o tempo em presente e ativo, numa tentativa de manejá-lo, sendo as urgências enormes e as postergações aparentemente irracionais. À medida que vão se elaborando os lutos típicos da adolescência, a dimensão temporal adquire novas características, o que implica a conceituação de tempo, noção de passado, presente e futuro, com a aceitação da morte dos pais, a própria morte e a perda de seu vínculo com eles. f) **Evolução sexual manifesta:** evolução do auto-erotismo à heterossexualidade, onde há mais um contato genital de caráter exploratório do que procriativo. Inicia-se a busca por um parceiro e, conseqüentemente, as primeiras relações de carinho, afeto e sexuais. g) **Atitude social reivindicatória:** na fase adolescente o jovem tem a idéia de que pode transformar o mundo, tem o sentimento místico da necessidade da mudança social, o que se pode explicar como um manejo onipotente do mundo. h) **Contradições nas manifestações de conduta:** o pensamento adolescente precisa tornar-se ação para ser controlada, sua personalidade é permeável, na qual os processos de projeção e introjeção são intensos, variáveis e freqüentes, fazendo com que este não possa ter uma linha de conduta determinada. i) **Separação progressiva dos pais:** uma das tarefas básicas na busca da identidade do adolescente é a de ir separando-se dos pais. Isto só é possível através da internalização de boas imagens parentais, com papéis bem definidos, uma cena primaria amorosa e criativa. j) **Flutuações de humor:** as mudanças de humor são típicas desta fase, tendo sua base nos mecanismos de projeção e de luto pela perda de objetos já citados. Os sentimentos de ansiedade e depressão acompanham permanentemente o processo de adolecer.

Levisky (1998) pontua que, para se ter um diagnóstico diferencial entre a crise normal da adolescência e os quadros psicóticos ou psicopáticos, deve-se observar a constância do comportamento, sua mobilidade, considerando o desenvolvimento evolutivo, antecedentes pessoais e familiares.

Para Knobel (1981), o processo de busca da identidade pode fazer com que o sujeito a encontre de forma errônea, baseada em figuras negativas, onde é melhor ter uma identidade perversa a não ter nenhuma. Isto acontece muitas vezes quando já houve transtornos na aquisição da identidade infantil, o que constitui a base dos grupos de delinqüentes e adeptos de drogas.

Segundo Ballone, dentro da psiquiatria da infância e da adolescência, um dos quadros mais problemáticos tem sido o chamado Transtorno de Conduta, anteriormente chamado de Delinqüência, o qual se caracteriza por um padrão repetitivo e persistente de conduta anti-social, agressiva ou desafiadora, por no mínimo seis meses (segundo a CID10). Para ser considerado Transtorno de Conduta, esse tipo de comportamento deve alcançar violações importantes, além das expectativas apropriadas à idade da pessoa e, portanto, de natureza mais grave que as travessuras ou a rebeldia normal de um adolescente. O padrão de comportamento no Transtorno de Conduta se caracteriza pela violação dos direitos básicos dos outros e das normas ou regras sociais. Esse comportamento pode ser agrupado em 4 tipos principais: a) conduta agressiva que causa ameaça ou danos a outras pessoas e/ou animais; b) conduta não-agressiva, mas que causa perdas ou danos a propriedades; c) defraudação e/ou furto e d) violações habituais de regras.

Conforme o mesmo autor citado acima, o Transtorno de Conduta é um diagnóstico especialmente infantil ou da adolescência, pois após os 18 anos, persistindo os sintomas básicos (contravenção), o diagnóstico deve ser alterado para Transtorno da Personalidade Anti-Social. Outra característica do Transtorno de Conduta é que esse padrão sociopático de comportamento costuma estar presente numa variedade de contextos sociais e não apenas em algumas circunstâncias, ou seja, não só na escola, no lar ou na rua, por exemplo. O portador desse transtorno causa mal estar e rebuliço na comunidade em geral. Atualmente a psiquiatria tende a considerar dois subtipos de Transtorno de Conduta com base na idade de início, isto é, o Tipo com Início na Infância e Tipo com Início na Adolescência. Ambos os subtipos podem ocorrer de 3 formas: leve, moderada ou severa.

As pessoas com Transtorno de Conduta apresentam sintomas como: pouca empatia e pouca preocupação pelos sentimentos, desejos e bem-estar dos outros, sensibilidade grosseira para as questões sentimentais e emocionais dos outros, não possuem sentimentos próprios e apropriados de culpa, ética, moral ou remorso, são extremamente manipuladoras, costumam delatar seus companheiros e tentar culpar outras pessoas por seus atos. Apresentam, também, baixa tolerância à frustração, irritabilidade, acessos de raiva e imprudência quando contrariados e este transtorno está freqüentemente associado

com um início precoce de comportamento sexual, consumo de álcool, uso de substâncias ilícitas e atos imprudentes e arriscados.

O diagnóstico de Distúrbio de Conduta deve ser feito somente se o comportamento anti-social continuar por um período de pelo menos seis meses e assim representar um padrão repetitivo e persistente. Devem estar presentes algumas características importantes para o diagnóstico: a) Roubo sem confrontação com a vítima em mais de uma ocasião (incluindo falsificação); b) Fuga de casa durante a noite, pelo menos duas vezes enquanto vivendo na casa dos pais (ou em um lar adotivo) ou uma vez sem retornar; c) Mentira freqüente (por motivo que não para evitar abuso físico ou sexual); d) Envolvimento deliberadamente em provocações de incêndio; e) Gazetas freqüentes na escola (para pessoa mais velha, ausência ao trabalho); f) Violação de casa, edifício ou carro de uma outra pessoa; g) Destruição deliberadamente de propriedade alheia (que não por provocação de incêndio); h) Crueldade física com animais; i) Forçar atividade sexual; j) Uso de arma em mais de uma briga; l) Freqüentemente inicia lutas físicas; m) Roubo com confrontação da vítima (por exemplo: assalto, roubo de carteira, extorsão, roubo à mão armada) e n) Crueldade física com pessoas.

Muitos indivíduos com Transtorno de Conduta, particularmente aqueles com início na Adolescência e aqueles com sintomas mais leves, conseguem um ajustamento social e profissional satisfatório na idade adulta. O início muito precoce indica um pior prognóstico e um risco aumentado de Transtorno Anti-Social da Personalidade e/ou Transtornos Relacionados a Substâncias na vida adulta.

### ***Considerações acerca da herança cultural brasileira e a cultura na atualidade.***

Aragão (1991) no texto “*Mãe preta, tristeza branca*” faz uma ligação da violência brasileira com a história cultural do Brasil. Ele trata a violência como um sistema de troca, como relacional, analisando a questão da violência a partir de um modelo familiar composto, além dos pais e dos filhos, pela ama de leite ou “babá”. Teoriza, então, que a relação entre a criança e a ama de leite está fortemente marcada pelo contato corporal, onde a “babá” imprime na criança, suas modalidades de organização afetiva. O que quer dizer

que o corpo no qual a criança tem acesso não é reconhecido socialmente, sendo que o corpo reconhecido pelo social, ela não tem acesso.

Conseqüentemente, este fato marca uma dissociação da sexualidade e do reconhecimento social. Essa afetividade difusa, passada pela “mãe preta” e o contexto das relações sociais, marca o brasileiro desde o nascimento até a morte.

A violência surge aqui no espaço de uma troca não regulada, ou, em outras palavras, irrompe no âmbito de um “déficit” relacional, se pudéssemos dizer, não ritualizado, não tratado social e institucionalmente. (ARAGÃO, 1991, p. 29).

Para o mesmo autor, estamos diante de uma sociedade que historicamente, tem provado sua incapacidade em produzir uma estruturação das diferenças, em troca de uma totalização social. Portanto, para Aragão, a violência no Brasil está ligada ao processo de socialização, ao modelo de colonização caracterizado, principalmente, pela escravidão e pelo fenômeno do “corpo dividido”, que no social se apresenta pela divisão entre a elite e as classes médias.

Nesse contexto, a herança cultural brasileira e o momento atual na qual vivemos, Aendt apud Fleig (1999) pontua que junto à transição da sociedade pré-moderna para a moderna ocorreu também uma transição das formas de poder e violência que está focalizada no eixo dos valores. Isto porque na sociedade pré-moderna os valores estavam centrados no todo, no relacional (parentesco), na hierarquia, na tradição; enquanto que na modernidade os valores são situados nas coisas, no conceito de igualdade, autonomia, individualismo, onde para se dizer quem é o sujeito, é necessário que este possua bens, que consiga acumular objetos. É o “deslocamento do poder sobre as pessoas para um poder sobre os objetos” (p. 129).

Para o mesmo autor, a violência é oriunda dos ideais de igualdade, individualismo e autonomia. Já para Calligaris apud Fleig (1999) a violência é um resíduo do poder pré-moderno (escravidão) e do efeito do poder moderno, que priva a maioria da população do poder sobre os objetos, que se caracteriza como um convite à violência.

De acordo com a leitura de Foucault apud Birman (2001), as normas regulam as práticas sociais, de maneira arbitrária e relativa, de acordo com as particularidades culturais de determinada tradição histórico-social. Para Birman (2001), o Brasil tem uma das constituições mais avançadas do mundo, mas, em oposição, os princípios desta não



funcionam nas práticas sociais da justiça, talvez por estar marcada pela tradição escravista patrimonialista da sociedade. Enfim, o que funda as práticas sociais da justiça é essa tradição.

Santos e Tirelli (1999) fazem uma reflexão da interação entre a polícia e as classes e grupos sociais, enquanto expressão das formas de dominação, marcada pela violência física e simbólica. Nesta interação, o fato da dominação e excesso de poder por parte da polícia e a falta de cidadania do povo brasileiro está marcado pela herança social, pela extrema hierarquização social e por um forte autoritarismo do Estado, tolhendo a igualdade de tratamento dos indivíduos no plano legal e reivindicatório. Assim, a violência entraria como um recurso para assegurar a hierarquização presente no Brasil, na falta de uma outra base consensual.

Para Fleig (1999) existem três tipos de violência na cultura atual: a primeira é a violência contra os objetos, na forma do rapto e da depredação; a segunda é a violência contra os corpos dos semelhantes e a terceira, a mais brutal, segundo ele, é a violência do objeto contra cada um de nós, onde é o objeto que exerce o poder sobre nós, é ele quem comanda a nossa existência. Diz: “o objeto a ser consumido e destruído ocupa este lugar de quem nos comanda e a quem nos submetemos passivamente” (p.130). Assim, para ele, estamos expostos à escravidão voluntária, sensíveis a um gozo sem falha, como se tivéssemos garantia absoluta de banir o mal-estar em que nos encontramos.

A violência contra os objetos, através de seu consumo desenfreado, de seu rapto na delinquência, na corrupção e na destruição no ato do predador, resulta num laço social dos sujeitos que aí se reconhecem e a qualquer preço querem se assegurar de seu gozo, que reivindicam como sendo de seu direito. (FLEIG, 1999, p. 133).

Fleig (1997) ainda contribui pontuando que o social só é possível pelo sistema de trocas, sendo que a primeira troca exercida é através da linguagem. No entanto, a sociedade moderna está presa a trocas igualitárias, as quais não acontecem na realidade, gerando, então, trocas não homogêneas, criando uma diferença, um resíduo que se apresenta como um mal-estar e também, na forma de violência, onde as pessoas assumem novamente o lugar de domínio e de dominado, assim como a estrutura escravagista de senhor -escravo.

Künzel (1998) aponta que, a sociedade atual está marcada pela estrutura perversa, o que nos leva em direção a um sintoma social perverso, o que está diretamente ligado à sociedade moderna, onde a tradição se encontra recalcada e no lugar desta surge uma nova

conduta, observada através da busca desenfreada dos indivíduos pelo novo. Neste contexto, a sociedade do consumo é a resposta ao direito de gozo, a um gozo sem limites. E para tanto a modernidade se apresenta como um fracasso do arbitrário, da lei, da função paterna.

Calligaris apud Künzel (1998) diz que a função paterna se mede pelo gozo que interdita e imaginariza, e não pelo gozo que permite, dando assim um lugar simbólico, ideais de referência e limite ao sujeito, sendo que a falha desta função acarreta ao sujeito se reconhecer através da criminalidade, buscar um nome que não lhe foi dado, a sanção que não foi exercida, o lugar a ser ocupado, o lugar que lhe foi privado.

Quando os laços sociais, os laços que deviam outorgar a um sujeito o seu lugar, por exemplo, de filho, de cidadão, são reais, ou seja, simbolicamente pouco consistentes, então os atos do sujeito devem ser simbólicos. O sujeito vai ter que esperar que seus atos ganhem para ele algum lugar simbólico que os laços não lhe garantem. (CALLIGARIS apud KÜNZEL, 1998, p. 56).

Bonin (1998) diz que cada indivíduo ao nascer traz consigo determinados comportamentos inatos. Entretanto no decorrer do seu desenvolvimento, ele é moldado pela cultura que constitui o sujeito através da rede de inter-relações sociais.

O primeiro contato que o indivíduo tem com a sociedade é através do grupo familiar no qual está inserido, portanto são os pais que enunciam e investem o lugar que os filhos irão ocupar no círculo familiar e na sociedade. Violante (2000) diz que não são somente os pais que devem investir no sujeito, a sociedade também deve projetar sobre este a mesma antecipação, pré investindo o lugar supostamente ocupado quando adulto, possibilitando que este encontre no discurso social referenciais que lhe permitam projetar-se no futuro, servindo, então, de suporte identificatório.

Nesse contexto, a mesma autora designa o contingente populacional como produto histórico da lógica perversa, através da qual a sociedade produz e distribui suas riquezas, e que condena uma parcela social a viver no nível da necessidade do imediato, desprovendo-as das condições materiais básicas de sobrevivência e do acesso aos bens culturais.

Se uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte de seus participantes depende da opressão da outra parte, parte esta talvez maior é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura, cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais do que uma quota mínima. Sendo assim, em tais condições, não é de se esperar uma internalização das proibições culturais entre as pessoas oprimidas. Pelo contrário, elas não estão preparadas para reconhecer essas proibições. (Freud, 1927, p. 22).

## ***A subjetividade do sujeito atual e o comportamento delinqüente na sociedade moderna***

Figueiredo (1999) explora as relações existentes entre “natureza” e “cultura” e entre “indivíduo” e “sociedade”, a fim de entender as questões envolvidas nos processos de subjetivação da modernidade.

Para tanto o autor pontua, seguindo os postulados de Freud, que a cultura se constitui através de instrumentos e técnicas que visam controlar as forças naturais dos homens e fazer possível a relação entre eles, a fim de que tenham modelos e ideais capazes de organizar e estabilizar a vida coletiva, bem como ilusões necessárias à conservação da própria cultura, ou seja, o homem se utiliza da cultura para defender-se de suas deficiências e de seus excessos. A natureza humana (constituída pela força da libido e da agressividade) em estado natural tornaria inviável a convivência coletiva. Assim, a relação entre “natureza” e “cultura” pode ser analisada pela lógica conflitual, onde ambas estão sempre em oposição; pela lógica funcional-interacionista, onde as forças se complementam e pela lógica da complementariedade, onde uma busca na outra à suplência de suas fraquezas e o controle de seus excessos.

A relação entre “indivíduo” e “sociedade” também pode ser analisada pela lógica da oposição, sendo que o indivíduo estaria preso entre as forças da “cultura” e da “natureza”, onde apenas haveria desintegração, hostilidade, destruição e desespero. Pela lógica funcional-interacionista, o indivíduo é reconhecido e se reconhece como constituído pela complementariedade entre “natureza” e “cultura”; neste caso haveria o mal-estar “um estado crônico, mas tolerável de desprazer, é intrínseco à constituição do psiquismo e uma condição básica para a procura pelo homem das felicidades possíveis” (DERRIDA apud FIGUEIREDO, 1999, p.26). E por fim pela lógica da complementariedade, onde um certo desprazer é constitutivo à subjetividade, pois se ela se constrói na e como conquista deste desprazer, enquanto condição para a procura de formas de felicidade qualitativamente diferenciadas.

Em 1915, Freud no texto “*Reflexão para os tempos de guerra e de morte*”, teorizava que os impulsos não eram “nem bons, nem maus”, onde, a partir de uma ótica evolucionista, aponta-nos, que o ser humano é instintivamente destrutivo.

Freud (1920) em “*Além do princípio do prazer*” formula a noção de pulsão de vida e de morte, onde o equilíbrio entre estas forças garante o funcionamento satisfatório da vida psíquica do sujeito, visto que uma sem a outra torna insustentável a vida psíquica e social do ser humano.

Em “*O mal-estar na civilização*” (1930), Freud coloca que o mal-estar sentido por todos os seres humanos liga-se diretamente à não satisfação de suas pulsões, principalmente da sexual e da agressiva (pulsão de morte), pois a civilização impõe ao homem esses sacrifícios. Sendo assim, a evolução da civilização pode ser descrita como a luta entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

No texto “*Por que a guerra?*” (1933), Freud utiliza a palavra violência num primeiro momento associada à agressividade, mas logo depois a utiliza como expressão que define a conseqüência entre os conflitos de interesses, o que, portanto se aproxima muito da violência atual.

A civilização foi alcançada através da renúncia à satisfação instintual, exigindo ela, por sua vez, a mesma renúncia de cada recém chegado [...] assim o ser humano está sujeito não só à pressão de seu ambiente cultural imediato, mas também à influência da história cultural de seus ancestrais. (FREUD, 1915, p. 319).

Conseqüentemente, eles estão sujeitos a uma incessante supressão do instinto, e a tensão resultante disto se trai nos mais notáveis fenômenos de reação e compensação. (FREUD, 1915, p. 321).

Segundo Birman (2001), estamos vivendo na cultura do narcisismo e na sociedade do espetáculo, o que está possibilitando novas formas de subjetivação, onde o sujeito encara o Outro como objeto para seu usufruto, podendo este ser eliminado assim que lhe satisfazer. Então os desejos assumem uma direção exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado, desinvestido das trocas inter-humanas. E é essa manipulação do Outro que permite a existência do sujeito atual, o que nada mais é do que a exaltação de si mesmo. Pelo desamparo, o sujeito se encontra diante da pressão constante das forças pulsionais, sendo tomado pelo excesso, constituindo, assim, um campo de objetos que lhe satisfaçam, o que se coloca de maneira renovada e permanente, visto que a pulsão como força constante se apresenta de forma repetida, fazendo com que o sujeito fique na posição de um gozo solitário.

Fleig (1999) problematiza que o discurso da modernidade tende à substituição do referencial do Outro pela “prótese” oferecida pelo semelhante ou pelo objeto a ser consumido, que incita um desamparo contemporâneo, onde o acesso ao gozo não tem o preço do sacrifício e nem o da perda.

Para Levisky (1998), o jovem de hoje é fruto dessa sociedade atual, pois foi ela que o formou e é também ela que o repele e não lhe dá continência. Assim, a violência passa a ser o elemento de auto-afirmação entre o grupo social. E o esmaecimento dos limites, dos valores, dos costumes da ética e da moral gera confusão e indiferença, o que prejudica a estruturação egóica dos jovens, visto que não conseguem construir sua auto-imagem e valores próprios.

O mesmo autor segue pontuando que, na sociedade contemporânea existem novas categorias e realidades complexas nas concepções do que é público e do que é privado que está marcado pela miséria, pelo desrespeito aos direitos humanos, crises econômicas e políticas e, por tudo isso, compromete o modelo de identificação.

Este é, então, o cenário para a implosão da violência e as atuações delinquentes que presenciamos ultimamente. Para Melman apud Silva (1999), a delinquência se constitui na falta de uma falha no Outro e, portanto, na falta de um lugar no desejo do Outro. Os atos delinquentes visam produzir no Outro uma falha e, portanto, um lugar para subjetivar-se. Para o mesmo autor citado acima, o ato delinquente pode ser pensado como uma tentativa de inscrição, de pertença pela busca do reconhecimento. O fracasso em encontrar o lugar possível para subjetivar-se não está apenas no fato deste se caracterizar como um ato que não se cumpre no sentido da viabilização da inscrição simbólica, mas também na impossibilidade desta tentativa ser reconhecida na cultura. A repetição do ato se instala como resultado deste duplo fracasso, já que o ato, não podendo ser ressignificado, impõe-se na repetição e na crescente exposição ao risco.

O que articula a delinquência é, então, o acesso ao objeto organizado, não pelo simbólico (trocas, substituições reguladas por uma lei), mas organizado pelo raptó, pela usurpação pela tomada do objeto. Assim o objeto tem valor, não pelo valor de troca em si, mas pela forma de aquisição. O ato delinquente marcará uma relação particular com a lei com o que regra as relações sociais e lhe confere valor simbólico. Podemos dizer que o adolescente articula algo da ordem de uma recusa, de uma não aceitação do limite e da lei, por consequência. Mas não se trata de estar fora da lei, trata-se, nestes casos, de estar constantemente tangenciando sua borda, sua margem, seu limite. (MELMAN apud SILVA, 1999. P 245).

Aberastury apud Levisky (2000) identifica a sociedade atual dentro de um quadro de violência e destruição, que não oferece garantias de sobrevivência. Assim, o adolescente, cujo destino é à busca de ideais e de figuras ideais para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e também os usa.

Na vida em sociedade, esperamos que alguma instância produza a efetivação da lei. Os cidadãos esperam, por exemplo, do Estado e de suas instituições. Já o adolescente espera que o Outro lhe produza uma marca simbólica, enquanto os outros esperam dele que se conduza de modo a corresponder aos princípios e valores compartilhados socialmente. Entretanto, na maioria das vezes, o que ocorre é um descompasso entre tais expectativas, e, nesse vazio, a precipitação em atos desesperados na busca de uma pertença. (SILVA, 1999, p. 244).

Knobel (1981) coloca que na falta de um pai simbólico, o delinqüente faz tentativas de se constituir como sujeito por conta própria, visto que a apreensão do objeto através do furto é um modo de comunicação, sendo assim, valorizando o ato e não o objeto como capital. Conte (1999) coloca que os adolescentes para serem reconhecidos como diferentes precisam apelar para um agir cada vez mais real.

Ceccarelli (2001) contribui dizendo que a descrença generalizada dos valores tradicionais levou a uma intensa busca do prazer pessoal, do individualismo ao desencontro dos ideais coletivos, fazendo com que haja uma substituição, ou mesmo eliminação dos ideais que não se enquadram nas referências do sistema de produção idealizado pelo capitalismo. O que leva, então, ao empobrecimento da subjetividade em prol da cultura globalizante, transformando o sujeito em objeto, onde este se encontra em desamparo, esvaziado.

O mesmo autor citado a cima, ainda contribui, dizendo que a inexistência de satisfações substitutivas às moções pulsionais recalçadas, assim como falta de limites ou excesso de satisfação, podem gerar violência ou atos delinqüentes, pois a frustração oriunda destas moções faz com que o psiquismo procure outras formas de descarga a energia, como é o caso de comportamentos anti-sociais. Esta é a patologia do social, onde o sujeito não se situa no simbólico, gerado pela organização político-social perversa, pois chegado o momento da sociedade dar o que é de direito do sujeito, este não a está encontrando, o que pode provocar uma ruptura no universo psíquico do sujeito, visto que em troca à renúncia do principio do prazer individuo não é acolhido pela sociedade. O resultado é a ruptura profunda, por vezes definitiva com o social.

## Conclusão

Como se sabe, a adolescência por si só é uma fase de transformações biopsicossociais que provoca as mais diferentes reações e comportamentos do indivíduo para com o mundo externo cabendo salientar, neste momento, um dos principais mecanismos utilizados pelos jovens, o acting-out. O adolescente tem a necessidade da atuação de algo concreto e real, a fim de manipular seus desejos e inseguranças. Essa fase também propicia a experimentação de diversas situações, do exercício da criatividade, a busca de ideologias a ser seguida, o que nada mais é do que a busca da identidade.

Neste contexto, a cultura, a família e a sociedade mostram os caminhos a serem percorridos pelos adolescentes na busca da sua identidade. Para tanto, esses devem servir de exemplo, propiciar o pensamento e a aquisição de uma ideologia a ser seguida, a fim de que essa construção se dê de forma mais apropriada e satisfatória, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade.

Ao olharmos pelo viés cultural e pela herança cultural brasileira, é possível identificar que a violência faz parte da nossa cultura. Isto porque a forma como fomos colonizados, está totalmente marcada pela violência, pela imposição, pela hierarquização do poder e o modelo escravagista. O que se configura dentro da sociedade perversa da atualidade.

A cultura familiar também é de fundamental importância, visto que a família, enquanto primeira ordem social com a qual o sujeito entra em contato tem por missão principal a transmissão cultural e o desenvolvimento psíquico do indivíduo. Para tanto, é necessário que a família propicie ao filho o lugar a ser ocupado dentro deste círculo familiar e, conseqüentemente, na sociedade. Para isto é importante que o indivíduo se encontre neste lugar simbólico, que conheça seus limites, para que possa alcançar sua liberdade subjetiva e realizar seus desejos. Segundo os postulados de Freud, isto só é possível através da função paterna, do pai representante do falo, que marca o corte entre mãe e filho, que representa a lei e, conseqüentemente, garante este lugar simbólico.

Já ao observarmos a sociedade atual, percebemos que essa está marcada por uma falha nesta função, visto que levando em conta o pensamento capitalista, os pais estão ficando ausentes na formação de seus filhos, pois para dar o conforto necessário imposto

atualmente, eles passam a maior parte do tempo fora de casa, deixando de dar a sustentação emocional para propiciar este bem-estar e compensar essa falha, acabam por oferecer “presentes”, permitindo-os agir a seu bel-prazer, permitindo que estes ocupem o lugar de poder, já que são eles que “comandam” a vida dos pais, possibilitando, então, que estes busquem o gozo ilimitado, que pode se apresentar na forma de violência, tanto para com os próprios pais, como para a sociedade.

A busca incessante por esse “bem-estar”, pregado pela sociedade atual e a grande mudança que estamos vivenciando em todos os aspectos, tanto na vida individual quanto na social, marcados pela globalização e pelo aumento tecnológico como: a internet, o projeto genoma, o aumento de inseminações artificiais estão fazendo com que se estabeleçam novas formas de relacionamento e conseqüentemente novas formas de subjetivação. De certa forma tudo está pronto para ser consumido, para quase tudo se tem respostas, o que nos mantém presos a essa rede de conhecimentos oferecidos (impostos), o que se manifesta como forma de manipulação de tudo e de todos, assim propiciando o consumo imediato e o não agir criativamente.

Tudo o que se quer está ao alcance de todos, é só consumir e introjetar, sem pensar e refletir, onde o caminho a ser percorrido, para se ter acesso ao gozo (ilimitado) prometido, é longo e penoso e pode se apresentar de diversas maneiras, sendo o mais freqüente na atualidade o uso da violência, utilizando a idéia de Freud (1932), violência no sentido de conflito de interesses, tendo em vista o individualismo pregado pela sociedade capitalista, visto que os bens desejados por todos somente são acessados por uma minoria, o que vai contra a ideologia da igualdade para todos.

Segundo Violante (2000), essa promessa de igualdade, prometida pela sociedade atual, promove na verdade uma grande desigualdade que muitas vezes leva à exclusão social. Cada vez mais adolescentes crescem na rua, fazendo dessa suas casas, depositando todos seus sentimentos que antes se davam dentro do círculo familiar e escolar. Estes adolescentes delinqüentes não ocupam lugar na sociedade e nem são reconhecidos. Esse reconhecimento e gozo que não lhes é dado de direito é buscado através da violência, onde se fazem reconhecer pelo outro, causando uma morte simbólica determinada pela exclusão.

Para Vasconcelos (2000), a sociedade moderna exige dos homens uma conduta individualista, onde cada um deve agir por si. O aumento tecnológico permite a satisfação



imediate dos desejos, fazendo com que o sujeito perca o seu senso crítico e coloque-se numa posição passiva que o conduz a consumir e a atuar. Esta tecnologia, por sua vez, impede que este exerça sua criatividade, sua capacidade de construir, transformar e evoluir. O que se busca é o ter e não mais o ser, sendo o outro apenas uma fonte de satisfação. Sendo assim, tanto podemos ser sujeito ativo e passivo da violência, pois tanto manipulamos o objeto, assim como ele nos manipula.

Assim como diz Edson de Souza (2002), a questão é construir um lugar onde sua fala tenha ressonância e atinja o outro, um lugar onde sua aflição possa ser ouvida. Sendo assim, na via da delinquência, há uma conexão com o outro destituído de conhecimento, ligado pelo gozo infantil (prazer) deixando de lado as responsabilidades. Tudo isso está ligado ao sujeito moderno, o qual está destituído de desejo. O mundo capitalista, por sua vez, é que promove essa falta de desejo, visto que o indivíduo só precisa consumir e não mais desejar. A modernidade promete a igualdade, a possibilidade de um gozo sem falha. Mas isso não é possível, essa falta de gozo é buscada nas drogas, no comportamento delinquente, os quais por um momento propiciam esse gozo. Com isso o adolescente não tem mais projetos, visão crítica, se esconde atrás dos bens materiais e do discurso capitalista.

Para Conte (1999), a via da delinquência não serve mais, apenas como um passeio informal. Ela está se tornando um ponto de ancoragem para os adolescentes que buscam pontos de referência para se identificarem e construir o lugar de gozo que lhes é de direito.

Portanto, a sociedade contemporânea está possibilitando novas formas de subjetivação, pois o sujeito atual está sendo conduzido a exercer somente o que lhe é proposto e oferecido, não “atuando” de maneira organizada, ou seja, dando respostas ao social, de acordo com o que lhe é fornecido.

Enfim, toda essa discussão é de extrema importância para que se possa refletir sobre maneiras de intervir e prevenir tais atos delinquentes, principalmente no que diz respeito aos valores pregados na atualidade, o papel da família no desenvolvimento psicossocial do indivíduo e de como a sociedade deve se preocupar e interagir com os adolescentes. Ou seja, buscar entender e atender as necessidades pertinentes a este período da adolescência, a fim de que estes jovens encontrem o seu lugar nessa sociedade e o ocupem de maneira

saudável tanto para si, quanto para o social. Também é necessário levar em conta as condições das instituições responsáveis por “abrigar” estes adolescentes infratores, levando em consideração que nem sempre estas estão aptas a lidar com tal problemática. Essa questão institucional trata-se de uma temática importante a ser discutida, a qual não foi realizada neste trabalho em função de ser uma discussão muito ampla, que perpassa não só a questão social, mas também política, ficando esta como sugestão para trabalhos posteriores.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **O adolescente e a liberdade**. In: \_\_\_\_\_. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981, p. 13-23.

ARAGÃO, LUIZ Tarlei de. *et al.* **Mãe preta, tristeza branca**. Processo de socialização e distância social no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Clínica do social: ensaios**. São Paulo: Escuta, 1991, p. 21-37.

BALLONE, GJ. **Transtornos de Conduta** In: **PsiquWeb**, Internet, disponível em <[www.psiqweb.med.br/infantil/conduta.html](http://www.psiqweb.med.br/infantil/conduta.html)> revisto em 2003. Acesso em: 10 set, 2004.

BIRMAN, Joel. **Mal estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

BONIN, Luiz Fernando. **Indivíduo, cultura e sociedade**. In: JACQUES, Maria da Graça. **Psicologia social contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 58-72.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Delinqüência: resposta a um social patológico**. In: Boletim de novidades da Livraria Pulsional. São Paulo, ano XIV, 145, maio , 2001, p. 5-13.

CONTE, Marta. **Ser herói já era: seja famoso, seja toxicômano, seja marginal**. In: FLEIG, Mario. **Violência: Lixo atômico não-reciclável?** In: \_\_\_\_\_. **Psicologia e sintoma social I**. São Leopoldo: Unisinos, 1997, p. 59-69.

DALGALARRONDO, P. **Conceito de normalidade em psicopatologia**. In: \_\_\_\_\_. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, p.24-27.

FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. **Psicanálise e Brasil: considerações acerca do sintoma social brasileiro**. In: SOUZA, Edson de. (Org.). **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil**. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1999, p. 24-39

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico**. 13º ed. Porto Alegre: s.n., 2004.

FREUD, S. **Totem e tabu.** (1912/13). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** Edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIII, p. 21-162.

\_\_\_\_\_. **Reflexões para os tempos de guerra e morte.** (1915). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** Edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV, p. 311-339.

\_\_\_\_\_. **Além do princípio do prazer.** (1920). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** Edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII, p. 17-88.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização.** (1930). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** Edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXI, p. 81-171.

\_\_\_\_\_. **Por que a guerra?** (1933). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** Edição standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXII, p. 193-208..

JERUSALINSKY, A. *et al.* **Adolescência: entre o passado e o futuro.** In: \_\_\_\_\_. **Os efeitos da modernidade:** a violência e as figurações da lei na cultura. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 249-260.

\_\_\_\_\_. **O sintoma social da adolescência como impasse de filiação.** In: JERUSALINSKY, A. *et al.* **Adolescência: entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 281-290.

KNOBEL, Maurício. **Normalidade, responsabilidade e psicopatologia da violência na adolescência.** In: LEVISKY, D. L. (Org) **Adolescência: pelos caminhos da violência:** a psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000, p. 47-62.

\_\_\_\_\_. **A síndrome da adolescência normal.** In: ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1981, p. 24-59.

KÜNZEL, Jaqueline. **Violência social.** In: FLEIG, Mario. **Psicologia e sintoma social II.** Porto Alegre: Unisinos, 1998, p. 49-58.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

LEVISKY, David Léo. (Org). **Panorama do desenvolvimento psicosssexual do adolescente.** In: \_\_\_\_\_. **Adolescência:** reflexões psicanalíticas. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998, p. 21-68.

\_\_\_\_\_. **Aspectos psicanalíticos do processo de identificação na sociedade atual.** In: \_\_\_\_\_. **Adolescência:** reflexões psicanalíticas. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998, p. 69-84.

\_\_\_\_\_. **Adolescência e violência:** a psicanálise na prática social. In: \_\_\_\_\_. **Adolescência: pelos caminhos da violência:** a psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998, p.21-44.

\_\_\_\_\_. **Aspectos do processo de identificação do adolescente na sociedade contemporânea e suas relações com a violência.** In: \_\_\_\_\_. **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2000, p. 19-34.

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, delinqüência, toxicomania: uma outra forma de gozar.** São Paulo: Escuta, 2000.

SANTOS, José ; TIRELLI, Cláudia. **A ordem pública e o ofício de polícia: a impunidade na sociedade brasileira.** In: SOUZA, Edson de. **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil.** Porto Alegre; Artes e Ofícios, 1999, p. 113-127.

SILVA, Maria Cristina da. **Ato delinqüente e adolescência.** Vicissitudes de uma travessia. In: JERUSALINSKY, A. *et al.* **Adolescência: entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 243-248.

SOUZA, Edson de. **A utopia e os avessos da cidade.** Colóquio: adolescência e construção de fronteiras, Porto Alegre, 15/16/17/ agosto/ 2002.

VIOLANTE, Maria Lúcia. **A perversidade da exclusão social.** In: LEVISKY, D. L. (Org) **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2000, p. 63-76.

VASCONCELOS, Amélia T. **Violência e educação.** In: LEVISKY, David. Léo. (Org) **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2000, Pg: 135-143.